

um nível onde as marés altas não as atingiam. Cada casa se organizava em clãs, os quais eram grupos de famílias que afirmavam ter ancestrais míticos comuns. Dentro dos clãs, o chefe da casa mais rica era considerado como o líder e dentro de um povoado, este era considerado o chefe da aldeia.

Os povos do Cedro eram altamente conscientes da propriedade e esta consciência deu forma a sua cultura e a sua arte de uma maneira primordial. A casa, ou melhor, a linhagem que a casa representava, era a unidade dona da propriedade. Algumas formas de propriedade eram individuais como as armas, os instrumentos, a roupa, o tear ou a canoa de pesca. Mas as coisas mais importantes eram de propriedade comum, com o chefe atuando como responsável. As áreas de caça, pesca e recolhimento eram de propriedade das linhagens e cabia ao chefe determinar seus usos e limites, podendo o infrator ser castigado até com a morte.

As formas menos tangíveis de propriedade eram as mais importantes para os povos do Cedro já que, em uma sociedade tão consciente do prestígio, deles dependiam a posição social e a honra de um chefe e, portanto, de sua casa e linhagem.

TAIS propriedades e privilégios compreendiam os nomes ou títulos dos quais cada casa possuía: alguns eram dados aos adolescentes quando atingiam a puberdade, outros ao nível social etc. Associadas com os nomes estavam as músicas, as danças e as máscaras, por meio das quais podiam mostrar publicamente as lendas que narravam as histórias do clã.

ARTE ● Com exceção dos Salish, os povos do Cedro eram altamente dramáticos em sua visão da vida, de tal modo que a antropóloga Ruth Benedict os representou como megalômanos até o limite do delírio paranóico. Sem dúvida sua arte era

afetada por uma visão elevada da existência. O drama pessoal inspirava a busca de títulos e brasões. O drama de um rei literalmente teatral caracterizava as representações coletivas das sociedades secretas dos Kwakiutl e as danças individuais com máscaras executadas em todo o território ocupado por estes povos eram feitas para ostentar os títulos do chefe.

Além destas cenas de cerimônias dramáticas, emergiu na maior parte da região habitada pelos povos do Cedro uma arte única e sofisticada praticada por profissionais capacitados, cujas vocações eram consideradas como dons espirituais. Os Salish eram a única exceção: se conformavam com efígies funerárias quase absurdas ou com simples máscaras. O resto dos povos produziram uma grande riqueza de entalhes, desde os gigantes postes com mais de vinte metros de altura até amuletos de osso miniaturizados, de menos de cinco centímetros de largura, que eram usados pelo feiticeiro.

Esta arte pode ser subdividida de várias maneiras. Existiam, por exemplo, variações regionais bem distintas. Os "Haida", em suas grandes esculturas, tiravam proveito de uma limitação e grandeza quase clássica enfatizadas sempre por sua inclinação ao talhar em forma cilíndrica um poste. Os Kwakiutl, por outro lado, produziram um estilo expressionista que se recusavam a limitar as formas inerentes dos materiais: suas figuras se ramificavam em braços e asas que ajudavam a fazê-los mais genuinamente escultores.

Os Tsimshian eram mais inclinados a um tipo de realismo ilusionista que os outros povos do Cedro. E isto se mostrava particularmente em suas máscaras e caricaturas. Os Bella Coola alcançaram, ao seu modo, uma qualidade de fantasia criadora em suas representações de seres sinistros, os quais, segundo sua crença, habitavam os bosques chuvosos.

COMÉRCIO ● Os primeiros homens brancos que se encontraram com os povos do Cedro foram os exploradores e os comerciantes de pele, não muito interessados na troca do modo de vida nativa, mas em conseguir peles preciosas. Sem dúvida, esse fator trouxe mudanças e significou o final do florescimento da cultura tradicional. A disponibilidade de ferro em abundância deu como resultado melhores instrumentos do que as velhas folhas de pedra, mas os métodos de talhar a madeira não mudaram. As ferramentas de metal foram feitas dos mesmos moldes em que se faziam as de pedra. Mas aceleraram a produção de objetos, especialmente os postes, no que fizeram, entre 1840 e o fim do século dezenove. As aldeias da costa foram transformadas em autênticos bosques de arte totêmica.

A abundância de bens derivados do comércio de peles foi outra influência para a expansão da cultura do Cedro. Este comércio deu meios aos chefes de encomendar mais e mais objetos aos artesãos, em consequência mais e mais festividades (*potlach*) foram levadas e toda a riqueza excedente consumida num ciclo de dar e receber.

Outras consequências foram a introdução do álcool e de doenças desconhecidas que dizimaram a população. A cólera, o sarampo e também doenças venéreas causaram sérias consequências sociais. Uma delas foi a falta de nobres para reivindicar os títulos e brasões pertencentes às diversas casas e clãs, o que significou o acesso dos plebeus aos postos mais altos, dando margem a disputas e muita rivalidade.

Nesta época chegaram os brancos, oficiais e tripulantes dos barcos, que deram fim às guerras indígenas, os administradores coloniais e territoriais com suas leis e normas; os empacotadores de peixe que deram empregos aos índios e os missionários que buscavam a cura para os efeitos do álcool e das doenças, mas que ao mesmo tempo causaram danos irreparáveis, ajudando a destruir os costumes que sustentavam a organização social.

Mas nem a cultura nem os povoados do Cedro desapareceram. A partir de um movimento por volta de 1930, os índios da costa começaram a ganhar a batalha contra as doenças estranhas e a população começou a crescer. Hoje já existem quase tantos índios quanto os que havia quando o Capitão James Cook entrou no estuário do rio Nootka, em 1778.

Texto: George Woodcock, para o Ministério das Relações Exteriores do Canadá.

Um povoado nas ilhas Rainha Carlota.

